

O TERRORISMO NA HISTÓRIA

*Rafael Augustus Sêga*¹

RESUMO

O presente artigo pretende fazer um inventário diacrônico do fenômeno do terrorismo a partir de alguns momentos na história e na literatura. O terrorismo aqui é entendido como a utilização sistemática de violência imprevisível e desmedida contra governos, povos ou pessoas comuns para alcançar determinados objetivos políticos, ideológicos ou religiosos por meio do amedrontamento. Foi observado que, no decurso do tempo, as ações terroristas foram realizadas por organizações políticas, grupos étnicos, nacionalistas ou revolucionários e pelas forças armadas e polícias secretas de alguns governos. Hoje, a esses grupos somaram-se partidários de seitas religiosas fundamentalistas e grupos políticos fanatizados. Essa nova modalidade surgiu a partir na década de noventa e, por possuir um impacto ainda maior, foi chamada de “terrorismo de massa”.

Palavras Chave: História do Terrorismo, Modalidades de Ações Terroristas, Organizações Terroristas, Mundo Contemporâneo.

ABSTRACT

The present article intends to make a diachronic account of the terrorism phenomenon from some moments in history and literature. The terrorism is understood here as the systematic use of unexpected and inordinate violence against governments, peoples or ordinary people to reach certain politician, ideological or religious objectives by fright. It was observed that in the time course the terrorist actions had been fulfilled by political organizations, ethnic, nationalistic or revolutionary groups and by Armed Forces and some governments secret policies. Today, to these groups fundamentalist religious sect partisans and fanatical politic groups have been added. This new modality appeared in the 90's and, because it has an impact still bigger, it has been called as “mass terrorism”.

Key Words: Terrorism History, Terrorist Actions Modes, Terrorist Organizations, Contemporaneous World.

¹ Mestre em História do Brasil, doutorando em História Política pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul e professor do Cefet-PR/ Unidade de Pato Branco, e-mail: rafasega@bol.com.br.

Na história humana o terrorismo é, como filosofia e prática política, quase tão antigo quanto a guerra. Basta lembrar que, na “aurora da humanidade”, os assírios (povo guerreiro que viveu no norte da Mesopotâmia por volta do segundo milênio antes da era cristã) se notabilizaram pelo uso excessivo da truculência contra os povos por eles subjugados. No presente ensaio partiremos da premissa de terrorismo como sendo a “utilização sistemática de violência imprevisível e desmedida contra governos, povos ou pessoas comuns para alcançar determinados objetivos políticos, ideológicos ou religiosos por meio do amedrontamento” (TRANSMONTE, 1987, p. 1230).

Se por um lado, a Bíblia não pode ser considerada uma obra de “história” por trazer trechos míticos, por outro, nela podemos atestar em algumas passagens a disposição do “povo eleito” em utilizar (com o apoio logístico do Todo Poderoso) expedientes que hoje seriam reprovados pela opinião pública mundial. Ou como classificaríamos as pragas lançadas no Egito por Moisés, registradas entre os capítulos sete e onze do livro de Êxodo, para pressionar o Faraó pela libertação, senão como atos terroristas?

Na Antigüidade Clássica, o terrorismo militar foi registrado pelo historiador grego Xenofonte no século cinco antes de Cristo e quase nessa mesma época o seu conterrâneo, o dramaturgo Eurípedes já se rebelava contra o radicalismo e a prática de se invocar os deuses para justificar guerras e massacres. Suas peças são manifestos contra a mistificação dos sacerdotes, dos militares e dos políticos para justificar o uso desmedido de seus poderes. Em *Electra*, Eurípedes denunciou o abuso que certos homens faziam do culto a Apolo para cometer atrocidades. Já em Roma, alguns imperadores usaram exílio forçado, expropriação de bens e assassinato como formas de desestimular os opositores de seus governos.

Durante a Idade Média e parte da Moderna, a Inquisição Católica, por meio do Tribunal do Santo Ofício, valeu-se do cárcere arbitrário, da sevícia e da execução para eliminar os que eram considerados hereges. O fundador da ciência política, o escritor florentino Nicolau Maquiavel, escreveu na primeira metade do século dezesseis em *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio* (“Comentários sobre os primeiros dez livros de Tito Lívio”, III, I) que “para retomar o Estado (ou seja, para conservar o poder) era necessário periodicamente espalhar o terror e aquele medo nos homens que o tinham utilizado ao tomar o poder” (BONANATE, 1991, p. 1242).

Os monarcas dos Estados nacionais que se formaram na Europa Moderna após a Reforma Religiosa não menosprezaram os ensinamentos de Maquiavel e a vida política européia (e das colônias) dessa época foi marcada pela *realpolitik* e pela intransigência. Exemplos sobejam, quer seja no genocídio dos povos pré-colombianos, perpetrado pelos colonizadores europeus no continente americano, denunciado em 1562 no livro “Historia de las Indias”, do frei dominicano Bartolomé de Las Casas, quer seja na noite de São Bartolomeu, na qual foi cometido o massacre dos calvinistas franceses (huguenotes) em agosto de 1572 e que resultou na

morte de cerca de vinte mil deles em toda a França.

No alvorecer da Contemporaneidade, a criação de um forte clima de medo foi claramente defendido por Robespierre e Saint-Just, como forma de acirrar o “espírito de insurreição” durante a Revolução Francesa, tanto que o período no qual eles mantiveram o domínio político (“Comitê de Salvação Pública”) ficou popularmente conhecido como “Terror”, entre 1793 e 1794, no qual a marca registrada foi o uso desmedido da guilhotina.

Na segunda metade do século dezanove, o terrorismo foi identificado como a prática política por excelência dos anarquistas, no intuito de revolucionar a ordem social burguesa. Nesse sentido, eles passaram ora executar pessoas de destaque social e político, ora pôr pelos ares instalações públicas e privadas, entrementes, vários empresários e altos funcionários governamentais foram mortos pelas balas anarquistas, assim como inúmeros estabelecimento ruíram por causa de bombas libertárias. É emblemático o encerramento do livro de Émile Zola, “Germinal”, publicado em 1885, no qual a mina de carvão em Montsou, foco da obra, é implodida por um ativista seguidor da doutrina de Bakunin.

Ao final da Guerra Civil Americana em 1865, alguns sulistas não acataram a derrota e criaram a organização racista “Ku Klux Klan” para amedrontar negros e partidários da união nacional com norte *yankee*. Na Rússia, irmão mais velho do líder soviético Lênin, Alexandre, foi enforcado em 1887 por participar de uma conspiração do grupo *narodnik* para matar o czar Alexandre III, porém o próprio Lênin rejeitava o terrorismo por considerá-lo “a estratégia a quem recorrem grupos intelectuais *separados* das massas” (BONANATE, 1991, p. 1243). O estopim da Primeira Guerra Mundial foi acionado quando o herdeiro do trono austríaco, o arquiduque Francisco Ferdinando, foi alvejado e morto pelo nacionalista sérvio Gavrillo Princip durante uma visita a Sarajevo, capital da Bósnia, em meados de 1914.

Todavia, no século vinte operar-se-iam mudanças de vulto na utilização do terrorismo, que se tornou apanágio de movimentos políticos de todos matizes ideológicos. Artefatos bélicos de precisão, como fuzis, pistolas automáticas e bombas detonadas a distância por controles-remotos, forneceram aos terroristas uma maior operacionalidade e tornaram suas ações mais mortíferas. O terrorismo foi adotado como “política de Estado”, ainda que não assumida oficialmente, por regimes totalitários como a Alemanha de Hitler e a União Soviética de Stálin (ARENDDT, 1989, p. 512) e autoritários como a Itália de Mussolini, a Espanha de Franco, o Chile de Pinochet ou o Brasil de Médici, entre outros. Nesses países, os processos *kafkanianos*, as prisões arbitrárias, as torturas e os assassinatos foram aplicados com resignado rigor e fora do controle da lei, com a intenção de criar uma atmosfera de pavor e estimular a aceitação da ideologia nacional e dos propósitos sociais, econômicos e políticos do regime.

Entretanto, o terrorismo também foi usado por grupos menores no combate a instituições ou governos maiores considerados opressores de suas causas, a

seguir, em embates anti-coloniais (Irlanda *versus* Reino Unido, Argélia *versus* França, Vietnã *versus* França e mais tarde *versus* Estados Unidos, p. ex.), em disputas entre grupos nacionais distintos pelo domínio de uma pátria (palestinos *versus* Estado de Israel, curdos *versus* Estado do Iraque, p. ex.), em combates entre diferentes crenças religiosas (católicos *versus* protestantes na Irlanda do Norte e ortodoxos *versus* muçulmanos no Chipre, p. ex.), em conflitos intestinos entre organizações revolucionárias e governos constituídos (Nicarágua, Malásia, Argentina, Timor Leste, El Salvador, Filipinas, El Salvador, Irã e Brasil, p. ex.) ou em disputas de secessão nacional (chechenos na Rússia, bascos na Espanha, *québécois* no Canadá, kosovinos na Iugoslávia e sérvios na Bósnia, p. ex.).

Comumente, as vítimas do terrorismo constituem-se em civis escolhidos a esmo ou que se encontravam casualmente no local onde ocorreu um atentado. Podemos afirmar que a atuação de certos grupos terroristas europeus contemporâneos se assemelha à dos anarquistas do século dezenove por causa do distanciamento em relação ao jogo político convencional e por suas intenções sem bases na realidade cotidiana. Carentes do apoio popular, os terroristas trocam as atividades políticas corriqueiras pela mera violência, como seqüestros, assassinatos, assalto a aviões ou acionamento de artefatos explosivos em lugares públicos.

Organizações como a “Baader-Meinhoff” (Alemanha), a “Angry Brigade” (Inglaterra), os “Weathermen” (Estados Unidos), o “Exército Vermelho” (Japão), o “Setembro Negro” (Palestina), as “Brigadas Vermelhas” (Itália), a “Al-Fatah” (Oriente Médio), o “Sendero Luminoso” (Peru), as “FARC” (Colômbia), o “IRA” (Irlanda do Norte) e o “ETA” (Espanha), entre outros, tornaram-se alguns dos mais conhecidos grupos terroristas da segunda metade do século vinte. Seu estímulo sempre foi o político e sua atuação foi mais intensa a partir da década de setenta, período marcado pela crise do sistema capitalista mundial em razão da alta do petróleo e pela gestação da derrocada econômica do “socialismo real” capitaneado pela gerontocracia soviética (HOBBSAWM, 1995, p. 388).

Em suas várias manifestações, o terrorismo é um dos “calcanhares de Aquiles” da civilização capitalista burguesa ocidental, por sua carga de desrazão e pela amplidão de seus resultados, além é claro da dificuldade de seu combate. As ações terroristas podem ser desencadeadas tanto pela legítima crença política, quanto pela vontade pessoal de ascensão social, contudo as conseqüências invariavelmente são carnificinas e destruições materiais.

Mas, se no passado as ações terroristas foram realizadas por organizações políticas com ideologias próprias, grupos étnicos, nacionalistas ou revolucionários e pelas forças armadas e polícias secretas de alguns governos, hoje a esses grupos somaram-se os partidários de seitas religiosas integristas ou grupos políticos fundamentalistas, i. e., aqueles que propõem a intensificação de uma doutrina política ou religiosa com o intento de proteger esse conjunto de princípios contra eventuais mudanças ou ajustes históricos que possam “desvirtuar” seus

princípios fundadores ou seus dogmas. A atitude mental dos fundamentalistas passa a ficar reduzida ao apego a velhas tradições, cânones ou ortodoxias e à exclusão da investigação e da solução dos novos problemas que a passagem do tempo impõe.

Os progressos técnicos, o dismantelamento do arsenal soviético e a expansão de novas tecnologias fornecem aos terroristas a possibilidade do uso de armas nucleares, químicas, bacteriológicas ou biológicas, que podem propagar o padecimento em grande escala ou a contaminação de doenças em massa nas grandes metrópoles mundiais. A motivação ideológica parece ter dado lugar à intolerância absoluta, principalmente por seguidores de líderes messiânicos que propalam perspectivas aterradoras ou propõem sacrifícios cruentos para se alcançar a salvação da causa.

Nesse sentido, na década de noventa, surgiu uma nova modalidade de terrorismo de impacto ainda maior, o terrorismo de massa, com incentivos religiosos ou políticos de cunhos fanáticos, no qual podemos inserir os atentados contra Torres Gêmeas do World Trade Center e do Pentágono, assim como os atentados ao metrô de Tóquio com gás sarin ou a explosão do prédio federal de Oklahoma.

Esses atentados têm sido chamados pela mídia internacional de “terrorismo pós-moderno”, cuja característica básica é o fato dos militantes não agirem por motivações meramente ideológicas. Eles também podem ser o braço armado de organizações bem estruturadas, às vezes até mesmo com respaldo de governos de países que não se sentem fortes suficiente para declarar guerra aberta a um outro governo constituído.

Sem dúvida, essa modalidade de terrorismo inaugura uma nova fase nas relações internacionais, cujas conseqüências apenas o tempo dirá. É bem o caso de pedir, nessa hora, que Deus e Alá ilumine o coração dos homens em prol da paz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. *As origens do totalitarismo; anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- NOVA BARSÁ CD “Terrorismo.” Disponível em forma de mídia eletrônica – CD-ROM. Rio de Janeiro: *Encyclopaedia Britannica* do Brasil Publicações Ltda., 1999.
- BONANATE, Luigi. “Terrorismo político.” In: BOBBIO, Norberto et alii (orgs.) *Dicionário de Política*. Brasília: UnB, 1991, pp. 1242-1245.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TRANSMONTE, Baldomero C. “Terror.” In: SILVA, Benedicto (org.) *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987, pp. 1229-1231.